

**CHRISTINE DE PIZAN: RAZÃO E A EDUCAÇÃO DAS
MULHERES NA *CIDADE DAS DAMAS*¹**

Reason and the education of women in The Book of the City of Ladies

Flávia Benevenuto²

RESUMO

Trata-se de, seguindo a exposição de Christine de Pizan na *Cidade das Damas*, apontar os principais argumentos para desconstruir a imagem das mulheres tal como consta nos escritos de filósofos, moralistas e escritores de modo mais geral. Pretende-se, portanto, evidenciar a estratégia e os elementos argumentativos da autora para desconstruir a concepção de feminino como moralmente fraco e intelectualmente desfavorecido. Tal feito tem consequências relevantes e pretende-se indicar sua relação com os pressupostos da educação das mulheres. Por fim, objetiva-se destacar a contribuição de Christine de Pizan à filosofia, aos escritos femininos e, sobretudo, às mulheres.

Palavras-chave: Pizan. *Cidade das Damas*. Mulheres na Filosofia. Educação. Razão

ABSTRACT

Following the exposition of Christine de Pizan in *The Book of the City of Ladies*, it is necessary to point out the main arguments for deconstructing the image of women as it appears in the writings of philosophers, moralists and writers more generally. It is intended, therefore, to highlight the author's strategy and argumentative elements to deconstruct the concept of the feminine as morally weak and intellectually disadvantaged. This achievement has relevant consequences, and it is intended to indicate its relationship with the assumptions of women's education. Finally, the aim is to highlight Christine de Pizan's contribution to philosophy, feminine writings and, above all, women.

¹ O texto é parte do resultado de pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e da Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com estágio de doutoramento pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS-Paris) e Pós-Doutorado pelo Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: flavia.benevenuto@ichca.ufal.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9658-5984>



Key-words: Pizan. *The Book of the City of Ladies*. Women in Philosophy. Education. Reason

A *Cidade das Damas* (1405), escrito por Christine de Pizan (1364 - 1430), vem ganhando atenção nos últimos anos dentre os estudos sobre autoras negligenciadas ou mesmo “apagadas” ao longo da história, não porque seus escritos fossem irrelevantes, mas simplesmente por serem mulheres. Destarte a pouca atenção até agora dirigida à obra de Pizan³, a *Cidade das Damas* apresenta elementos fundamentais acerca da construção e preservação das justificativas intelectuais da depreciação das mulheres em relação aos homens e, portanto, que construíram e consolidaram um ambiente social e intelectual hostil às mulheres, afastando-as e negligenciando-as. Ao fazê-lo a autora verte luz sobre os problemas que dizem respeito aos fundamentos desses elementos. Assim, ao mesmo tempo em que o expõe, a autora edifica argumentos que procuram evidenciar as falácias intrínsecas a essas justificativas usadas para atacar as mulheres. Tais argumentos seriam fruto de um esforço monumental da autora para tentar corrigir o rumo da história de modo a oferecer às mulheres um ambiente social e privado menos inóspito.

Preservando muitas das características morais do momento em que foi escrito, sobretudo as relacionadas às virtudes cristãs, o texto chama atenção por ter antecipado algumas reivindicações que estiveram presentes na origem do feminismo ocidental. Pizan parte do pressuposto de que a virtude pode ser aprendida e o que distingue homens de mulheres não é a capacidade de aprendê-la, mas a forma distinta como são educados. Após analisar os textos que manifestam críticas às mulheres e compará-los aos feitos de muitas mulheres admiráveis, a autora conclui que as inúmeras referências à falta de disposição moral, capacidade de ação ou fraqueza de espírito proferidas ao longo de toda a história da filosofia e por toda sorte de escritores não passam de calúnias e demonstram principalmente as falhas de quem as afirmaram ou as fizeram reverberar.

³ Para uma introdução mais detalhada sobre a vida, obra e filosofia da autora ver o verbete *Christine de Pizan* (SCHMIDT, 2020).

Tal investigação foi posta por uma autora que, por causa do trabalho de seu pai, médico e astrólogo, cresceu em um ambiente intelectual muito profícuo, que fez questão de cultivar ao longo de sua vida. Nascida na Itália, se mudou ainda criança para a corte francesa acompanhando seu pai que passou a trabalhar na corte de Carlos V. Teve acesso a uma das maiores bibliotecas da Europa, fazendo do acervo concentrado no Louvre àquele tempo sua principal fonte de instrução. Um dos seus grandes privilégios foi não ter sido obrigada a casar-se novamente após ter ficado viúva aos vinte e cinco anos, quando já era mãe de três filhos⁴. Isso foi possível tanto porque as imposições sociais da aristocracia de então o permitiam, quanto porque Pizan teve a oportunidade de viver do seu trabalho de escritora, algo muito raro para uma mulher em seu tempo⁵. Os acontecimentos que a submeteram a perder seu pai quase ao mesmo tempo em que ficou viúva a levaram a escolher viver de sua escrita. A escrita, por sua vez, lhe possibilitou expressar sua resistência à maneira como sistematicamente as mulheres eram apresentadas nos textos dos mais variados gêneros, escritos massivamente por homens.

A *Cidade das Damas* reúne os principais argumentos da autora para desconstruir a imagem das mulheres tal como consta nos escritos de filósofos, moralistas e escritores de modo mais geral. Nele, apresenta também

⁴ Jacques Le Goff, na introdução do *Homem Medieval*, ao mencionar os ali excluídos descreve a situação das mulheres medievais. A passagem expõe o lugar comum das mulheres medievais, do qual Pizan parece ter tido a opção de escapar após a morte de seu marido: “a «ordem familiar» leva a um atraso na idade com que os homens contraem matrimônio. A mulher, muito jovem, casa com um homem que se aproxima dos trinta anos e o casal é separado por uma dezena de anos. A mulher é um ventre, vítima de uma elevada fecundidade que a faz passar grávida metade da sua vida, antes dos quarenta anos. O poder que lhe é concedido manter sobre a casa, em cujo centro se situa o quarto do casal, é uma fraca compensação. Senhora do espaço doméstico é a ecônoma da família. Sujeita aos seus deveres de esposa, obrigada a ser fiel ao marido e à sua autoridade, só encontra compensações — limitadas — no amor pelos filhos, que, na maioria dos casos, são entregues a amas, logo nos primeiros anos, e sucumbem vítimas da terrível mortalidade infantil. Na alta Idade Média, à morte natural vinha ainda acrescentar-se o infanticídio, que foi depois substituído pelo abandono dos recém-nascidos. Os «enjeitados» pululam na cristandade da baixa Idade Média e as mulheres «continuaram a ser uma engrenagem subordinada à reprodução familiar»” (1989, p. 22).

⁵ Sobre as transformações que dizem respeito à sociedade medieval alguns séculos antes de Pizan, Lise Trudel expõe as diferenças substanciais entre os períodos merovíngio, carolíngio e a nova sociedade formada a partir do século XII, onde a ausência dos maridos que estavam na guerra fez com que as mulheres ocupassem um lugar social que estava vago, não pelo reconhecimento de seus méritos, mas por questões práticas de sobrevivência. (1973, p. 1-27). Sobre as transformações que ocorreram a partir do século XII e mulheres que se destacaram no período, ver *As Damas do Século XII* (DUBY, 2013).

uma espécie de inventário das mulheres que se destacaram ao longo da história pelos seus feitos e suas virtudes. Refere-se a elas apontando-as como exemplos que comprovam seus argumentos contrários às injustas acusações comumente feitas às mulheres. Trata-se, aqui, de evidenciar a estratégia e os elementos argumentativos utilizados por Pizan mostrando como ela procura desconstruir a concepção de feminino como moralmente fraco e intelectualmente desfavorecido. Para tal percorrer-se-á os principais argumentos utilizados para depreciar as mulheres, assim como sua desconstrução, tal como apresentados pela autora.

Procurar-se-á demonstrar, a partir da conversa entre a personagem Cristina⁶ – homônima à autora – e a Dama Razão sobre as mulheres, o esforço da autora para tornar evidente as afirmações falsas em argumentos postos por alguns dos mais doutos filósofos. Apesar das universidades estarem fechadas às mulheres, Pizan, que não as frequentou, recorre a alguns elementos da lógica⁷, cara à filosofia, principalmente no período histórico em que a autora escreve. A autora, que demonstra conhecer bem as estratégias da escrita filosófica, se vale desse arcabouço intelectual, próprio da filosofia, para enfrentar os filósofos pouco atentos a tais estratégias quando, em seus textos, se puseram a atacar as mulheres. Ao percorrermos parte do texto da autora, além de evidenciá-lo, procuraremos apontar algumas das implicações desse esforço, indicando sua relação com os pressupostos da educação das mulheres. Pretende-se, assim, destacar a contribuição de Christine de Pizan à filosofia, aos escritos femininos e, sobretudo, às mulheres.

Uma Cidade para Damas?

Christine de Pizan inicia *O Livro da Cidade das Damas* questionando a ocupação de tantos pensadores que se punham a, segundo ela, caluniar as mulheres. Ao afirmá-lo a autora tem em vista uma grande variedade de

⁶ Optamos aqui por traduzir o nome da personagem seguindo a tradução de Luciana Eleonora de Freitas Calado (2006). Pretende-se assim possibilitar que o leitor possa diferenciar mais facilmente a personagem das análises apresentadas a partir do texto da autora.

⁷ Schmidt organiza e classifica os fundamentos e teses contra as mulheres enfrentados por Pizan (2018, p. 21). Ela também identifica e analisa os tipos de argumentos presentes na *Cidade das Damas* destacando a *redução ao absurdo*, acompanhada de *um argumento pela observação de harmonia na natureza (cumplicidade entre as espécies)* e *contraexemplos* (2018, p. 29-32).

textos de múltiplos gêneros que, desde os mais antigos tempos, maldizem as mulheres. De acordo com ela, “filósofos, poetas e moralistas, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício” (PIZAN, 2006, p. 119). Essa constatação é tomada pela autora como o ponto de partida para sua reflexão acerca das especificidades femininas. Pizan mobiliza seu conhecimento filosófico para tentar compreender as razões de tantas e tão duras afirmações contra as mulheres e seus supostos vícios, haja vista a percepção da autora sobre o que ela considerava ser a real capacidade das mulheres, suas virtudes, suas habilidades e seu papel social. Sobre a recorrência do tema, afirma que

apenas esta razão, breve e simples, me fazia concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres. (PIZAN, 2006, p. 119-120)

Ainda que não vislumbrasse em si os defeitos recorrentemente atribuídos às mulheres, Cristina se põe a duvidar de seu julgamento, assim como da disposição de seu intelecto e põe-se a questionar-se até mesmo enquanto criação divina. Afirma que “à mente, vinha-me um número considerável de autores, e, como uma fonte jorrando, ia reexaminando-os um a um. No final, cheguei à conclusão de que, criando a mulher, Deus tinha feito uma coisa bastante vil” (PIZAN, 2006, p. 120). Essa constatação é seguida de um lamento profundo: “que pena! Meu Deus! Por que não me fizeste nascer homem para que minhas inclinações estivessem a teu serviço, para que em nada me enganasse, para que eu tivesse esta grande perfeição que os homens dizem ter?” (PIZAN, 2006, p. 120). Cristina se vê em um momento de grande aflição e desespero e a cena é composta de modo a valorizar os feitos que lhe causam profundo sofrimento. Ao mesmo tempo em que expõe os sentimentos dolorosos da personagem Pizan deixa transparecer nos elementos textuais que compõem a cena a possibilidade de questionamento de seu conteúdo. A autora, ao invés de afirmar a “perfeição masculina”, menciona a ‘grande perfeição que os homens dizem ter’. Esse tipo de ironia parece caracterizar o livro e divertir seus leitores mais atentos. No caso da passagem acima, o sofrimento da personagem é motivado não exatamente

pela veracidade dos fatos, mas pela sua confiança ingênua nas afirmações falaciosas dos homens, conforme a autora procura demonstrar a partir de então.

Voltando ao texto, as lamentações de Cristina cedem lugar a uma das passagens mais intrigantes do opúsculo, a aparição das Damas. A cena parece se estruturar sob um aspecto religioso quando a personagem percebe um clarão e ao dirigir seu olhar à luz vê-se diante de três Damas. Uma delas dirige-se à Cristina falando em nome das três: “ficamos muito comovidas com teu desespero, e queremos retirar-te desta alienação; ela te cega a tal ponto de rejeitares o que tens convicção de saber, para acreditar em algo que só conheces através da pluralidade de opiniões alheias” (PIZAN, 2006, p. 121). Após afirmar ser falsa essa pluralidade de opiniões contra as mulheres, a Dama a indaga diretamente: “Mas, bela filha, o que aconteceu com teu bom senso?” (PIZAN, 2006, p. 122). A pergunta, mais uma vez, parece expressar ironia, haja vista que a autora recorre metaforicamente à Dama Razão – que só mais adiante no texto se apresentará a Cristina – para censurar o caráter passional da personagem. Recorrentemente, como demonstra ao longo do livro, as mulheres são apresentadas com capacidade inferior à dos homens para conter seus sentimentos e emoções, efetivando suas ações movidas por elas e não pela razão e, por oposição aos homens, teriam menos capacidade racional. No texto, tal pergunta vem acompanhada de uma justificativa contundente:

Se considerares a questão suprema, que são as ideias, quer dizer, as coisas celestiais, percebes que mesmo os maiores filósofos, aqueles que tu invocas contra teu próprio sexo, não conseguiram distinguir o certo do errado, e se contradizem e se criticam uns aos outros sem cessar, como tu mesma viste na *Metafísica* de Aristóteles, no qual ele critica e refuta igualmente as opiniões de Platão e de outros filósofos citando-os. (PIZAN, 2006, p. 122)

Não se pode deixar de notar que o elemento religioso se apresenta mais uma vez e remonta o leitor à leitura cristã que se fazia dos antigos, sobretudo de Platão, ao identificar as *ideias* às *coisas celestiais*. Essa equivalência, no entanto, pouco interfere no principal argumento apresentado pela Dama que se pôs a problematizar a atuação de alguns dos filósofos mais relevantes até então. Estariam os métodos e posicionamentos deles sempre ao

lado da verdade? Esse questionamento (suscitado pela fala da Dama Razão) não parece constituir apenas uma pequena divergência, mas um profundo mal-estar em relação aos consagrados filósofos que, ainda que soubessem diferenciar generalizações de fatos específicos, pareciam não se importar em negligenciar seus conhecimentos quando o assunto era as mulheres. Não raro, as tomavam pela generalização maldizendo-as todas.

O argumento da Dama avança em direção a dois dos filósofos de maior autoridade em seu tempo, Aristóteles e Agostinho. Segue salientando o caráter humano dos autores, passíveis de falhas e equívocos. Direciona-se a Cristina ao afirmar:

E presta atenção ainda que santo Agostinho e outros doutores da Igreja fizeram o mesmo em certas passagens de Aristóteles, considerando-o Príncipe dos filósofos, e a quem devemos as mais altas doutrinas da filosofia natural e moral. Ora, parece acreditar que tudo o que dizem os filósofos é digno de fé e que eles não podem se enganar. (PIZAN, 2006, p. 122)

Evidentemente o registro das críticas feitas pelos filósofos em relação aos seus pares era bem diferente do das críticas endereçadas às mulheres, normalmente apresentadas de maneira genérica e de modo a desqualificá-las basicamente pelo que tais filósofos consideravam ser características especificamente femininas. Pizan não menciona as distinções dos registros das críticas, mas faz sua personagem problematizar as teses dos autores tidos como os mais doutos e que teriam legado os escritos mais elevados. A Dama parece apontar que, mesmo aqueles que nos legaram grandes ensinamentos, não são infalíveis e, portanto, um leitor diligente deve se dirigir a seus textos com perspicácia ao invés de tomá-los meramente pela autoridade. A Dama prossegue encerrando essas primeiras considerações aconselhando Cristina: “concentra-te, retoma tua consciência e não te preocupas mais com essas tolices; sabe que uma difamação categórica das mulheres não conseguiria atingi-las, mas, sempre volta contra os seus autores” (PIZAN, 2006, p. 123). Ao afirmá-lo a Dama marca sua posição e devolve a crítica aos que, para ela, infamemente haviam se dirigido às mulheres.

Na sequência do texto, a personagem Cristina manifesta sua perplexidade diante do acontecido. Descreve as três Damas destacando sua beleza, assim como o caráter divino dessa aparição. As Damas se lhe apresentam

como virtudes – Razão, Retidão e Justiça – e lhe propõem os meios e ajuda para edificarem um lugar capaz de proteger as mulheres dos ataques infundados, infames e injustos. No desdobramento do texto Cristina destaca a dignidade da fala e a distinção das maneiras da Dama que a ela havia se dirigido, que se identifica, então, como Razão.

Nota-se que Pizan utiliza um recurso metafórico recorrente na filosofia. A alegoria é um recurso usado por Platão, assim como o sonho, também empregado por Cícero. A revelação foi apresentada por Agostinho e é um elemento fundante nas *Confissões*. São certamente estratégias argumentativas que guardam diferenças importantes e não nos caberia explorá-las e compará-las ao recurso empregado pela autora. Interessa-nos destacar que, embora guarde suas especificidades, o recurso da aparição das Damas à personagem homônima à autora não é estranho à filosofia. Pizan se vale de sua erudição dispondo estrategicamente seu repertório medieval para construir a cena e usa um método filosófico para combater filósofos consagrados.

É através da Razão, primeira virtude a se apresentar a Cristina, que os principais temas do texto são apresentados e delimitados. É pela Razão que os primeiros pilares para a fundação da Cidade das Damas são postos. Conversam sobre as questões mais caras às mulheres, fundamentos estruturantes do opúsculo, destacando-se os argumentos capazes de desconstruir os elementos detratores das mulheres repetidamente suscitados ao longo dos textos mais relevantes já escritos, sobretudo pelos filósofos.

As virtudes e a fundação da Cidade das Damas

A Razão, Dama que se dirigia à Cristina mesmo antes de se apresentar, põe-se a explicar a origem celestial das Damas e recorre à providência divina para justificar a participação delas no projeto da cidade a ser construída com a ajuda da mortal.

Prezada filha, deves saber que a providência divina, que não faz nada ao acaso, encarregou-nos de morar entre as pessoas desse mundo de baixo, apesar de nossa essência celeste, para zelarmos na manutenção e na boa ordem das leis convenientes aos diversos estados, e que fizemos segundo a vontade de Deus, pois somos, todas as três, filhas de Deus e de nascimento divino. Quanto a mim, é da minha competência corrigir. (PIZAN, 2006, p. 124)

Ao anunciar, assim, o nascimento divino das Damas, Razão pontua sua competência. Corrigir, no caso específico dos propósitos relacionados à Cristina, diz respeito a conceder às mulheres um lugar de refúgio, um lugar seguro onde não seriam atacadas tão fortemente e tão injustamente. Esse refúgio as ajudaria a se desvencilharem de preceitos falsos a respeito da natureza das mulheres que, por haverem sido repetidos tantas vezes e por tanto tempo, eventualmente tenham sido equivocadamente assumidos por elas. Em suas palavras, “deves saber que foi para afugentar do mundo este erro no qual caíste, para que as Damas e outras mulheres merecedoras possam a partir de agora ter uma fortaleza onde se retirem e se defendam contra tão numerosos agressores” (PIZAN, 2006, p. 125). Razão oferece à Cristina algumas das causas da persistência desses ataques que vieram a se tornar problemáticos a ponto de ser necessária a edificação de um refúgio: “segundo a justiça, os homens nobres deveriam tomar a defesa delas. Mas, por negligência ou indiferença aceitou-se que elas fossem maltratadas” (PIZAN, 2006, p. 125). Deste modo, a Razão sugere que os ataques às mulheres se deviam, em parte, pela ignorância e prepotência dos que as atacavam e, em parte, pelos que podiam impedir tais ataques e por falta de virtude nada faziam, viabilizando assim que ofensas, maldizeres e injúrias fossem proferidos até se normalizarem. Ao afirmá-lo, a Razão prossegue destacando as qualidades femininas que, segundo ela, contribuíram para perpetuar tais injustiças.

Na ingênua bondade delas, seguindo nisso o preceito divino, as mulheres sofreram paciente e educadamente os grandes insultos que lhes fizeram, para erro e prejuízo delas, tanto por palavras, quanto por escrito, fazendo referência a Deus da legitimidade do seu direito. Mas, é chegada a hora de retirar essa causa justa das mãos dos Faraós (...). (PIZAN, 2006, p. 125)

A passagem nos remete a um tema recorrente no texto de Pizan, a saber, a educação das mulheres. A Razão, nesse momento ainda inicial de apresentação de suas diretrizes para a construção da Cidade das Damas, não aprofunda o tema e o aborda apenas enquanto ponto de partida para restringir a nova edificação às mulheres virtuosas: “os muros de nossa cidade serão fechados a todas aquelas desprovidas de virtudes” (PIZAN, 2006, p.



126). As virtudes, entendidas principalmente pelo conjunto de qualidades morais cristãs, associadas à expectativa das boas maneiras esperadas das mulheres bem-educadas, circunscrevem os limites da cidade.

Ainda que represente um limite claro à inclusão ou não das mulheres consideradas dignas da proteção oferecida pelo projeto das Damas, o tema da educação aparece como um fundamento importante aos principais argumentos em defesa das mulheres. O fato de haver tantas mulheres virtuosas, capazes e bem-educadas evidenciava o quão falaciosas podiam ser as afirmações comumente feitas contra elas. Se havia algumas a serem repreendidas pela falta de virtude ou educação, era certo que não se podia tomá-las pelo todo. Pizan parece sugerir que a falta de virtude de algumas sequer poderia ser compreendida a partir das características tidas como femininas, haja vista que tal carência também era recorrente entre os homens. Isso pode ser observado mais de perto quando a autora procura identificar como eram falaciosas algumas das acusações proferidas pelos grandes filósofos. Ela sugere que tais falácias são consequências do fato de terem sido proferidas por humanos. Os humanos cometem erros e, portanto, isso não seria uma exclusividade das mulheres.

Na sequência do texto a Dama Razão se apresenta a Cristina e manifesta a intenção de incluí-la no projeto: “Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e construir a Cidade das Damas” (PIZAN, 2006, p.126). A Razão revela também a identidade das duas outras Damas: Retidão e Justiça. A primeira se dirige a Cristina: “eu sou o escudo e a defesa daqueles que servem a Deus. Faço obstáculo à força e à potência dos perversos” (PIZAN, 2006, p. 128). A afirmação possibilita a compreensão de que a Retidão se relaciona às virtudes cristãs e seu papel na edificação da cidade se relaciona à educação moral que, no texto de Pizan, sobretudo na segunda parte destinada a tal Dama, se apresenta através do exemplo das muitas mulheres que se destacaram ao longo do tempo. É sobretudo ao expor tais exemplos que a autora oferece aos seus leitores uma espécie de inventário das mulheres que se sobressaíram pelos seus grandes feitos. Pizan não se restringe aos exemplos cristãos e investiga os registros dessas mulheres desde os tempos mais remotos.

Por último apresenta-se a Justiça:



Aos homens e mulheres de almas sãs que querem crer em mim, ensino a se corrigirem, a se reconhecerem e a primeiro se ressarcirem, a fazer com os outros o que eles gostariam que fizessem com eles, a distribuir o bem sem favoritismo, a dizer a verdade, a fugir da mentira e a odiá-la, a rejeitar qualquer vício. (PIZAN, 2006, p. 129)

Tal correção, característica da justiça, também diz respeito à virtude e, no texto, parece completar tanto o inventário das mulheres virtuosas como o arcabouço das virtudes que podem ser aplicadas aos humanos. Pizan, ao final da *Cidade das Damas*, na parte que diz respeito à Justiça, menciona como a “Rainha dos Céus” (PIZAN, 2006, p. 318) se faz soberana entre mulheres de tão elevadas virtudes ali reunidas, todas elas submetidas aos critérios da Retidão, aos quais manifestam apreço e excelente desenvoltura. Antes, no entanto, nesse momento introdutório em que as Damas se apresentam à Cristina, é a Justiça quem menciona a metodologia adotada para forjar a cidade.

O que a primeira propõe, a segunda organiza e aplica, e eu, a terceira, dou o acabamento e concluo. Foi para isso que todas três puseram-se de acordo: para que eu viesse em tua ajuda para dar o acabamento e terminar tua Cidade. Ficará sob minha responsabilidade fazer o teto e os telhados das torres, as residências suntuosas e as mansões, que serão todos de ouro fino e brilhante. Enfim, eu a povoarei de mulheres ilustres para ti e trarei-te uma altiva rainha; a quem as outras Damas, mesmo as mais nobres, render-lhe-ão homenagem e obediência. Assim, com tua ajuda, tua cidade será concluída, fortificada, e fechada com portas pesadas, que irei buscar no céu para ti, antes de colocar a chave nas tuas mãos. (PIZAN, 2006, p. 129-130)

Cristina assumiria um papel central na construção da cidade e, uma vez concluída a obra, receberia, na ocasião da entrega da chave, a mais alta honraria por ter sido a escolhida entre as mulheres para auxiliar as Damas, virtudes, em tal feito tão grandioso. O tema do governo é mencionado pela Justiça como parte integrante da edificação da cidade. A forma de governo segue o padrão medieval e expressa-se pela monarquia. Apesar dessa referência ao governo da cidade e à determinação prévia da rainha, o tema da forma de governo não é abordado, não havendo qualquer discussão mais específica sobre as questões políticas, institucionais ou jurídicas da cidade.

Apesar disso, há duas menções sobre a durabilidade e capacidade de resistir às invasões, ambas mencionadas pela Razão. No que diz respeito à

primeira, afirma: “assim tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo” (PIZAN, 2006, p. 126). Ao afirmá-lo a Razão apresenta o que parece ser um aspecto quase divino da cidade. Não seria exagero cogitá-lo tendo em vista o anúncio feito ao final do texto sobre a possibilidade de a cidade contar com uma cidadã ilustre e divina como a Virgem (ver PIZAN, 2006, p. 318-319). A segunda afirmação, sobre a capacidade de resistência da cidade aos possíveis ataques, é categórica: “ela será, ao contrário, sempre próspera, apesar da inveja de todos seus inimigos; ela sofrerá vários ataques, mas nunca será tomada ou vencida” (PIZAN, 2006, p. 126). Tais afirmações não são desenvolvidas ou justificadas, mas, ao serem anunciadas pela Razão a Cristina ainda no início do opúsculo parecem evidenciar a grandiosidade e consistência do projeto.

O problema enfrentado por Pizan na *Cidade das Damas*, de fato, não diz respeito à estrutura política da cidade, principalmente porque parece partir do pressuposto de que, uma vez edificada sobre a virtude, o governo da cidade não reservaria maiores complicações às Damas. A grande questão a ser tratada é justamente o que motiva a edificação da cidade (e da metáfora), a saber, proteger as mulheres virtuosas das injustiças cometidas pelos homens, sobretudo ao proferirem afirmações falsas que as maldizem e inferiorizam. Isso não significa, no entanto, que o tema não possa ter implicações sociais e políticas. Pois, se o problema principal enfrentado por Pizan reverbera na questão da educação das mulheres, precisamos considerar que as consequências do seu esforço podem ser muito mais abrangentes. A estratégia de Pizan é formulada a partir da identificação dessas injustiças que são, uma a uma, analisadas pela voz da Razão e desconstruídas, como procurar-se-á mostrar a seguir.

A identificação das falácias forjadas contra as mulheres: a Razão e a educação feminina

A fim de dar início à construção da cidade, Razão convida Cristina ao que denomina ser o “Campo das Letras”, retomando o objetivo que as levou até ali para direcioná-las ao centro do problema que se dispuseram a enfrentar.



Dama, lembro-me do que dissestes agora a pouco, acerca de todos aqueles homens que maldisseram tão severamente os costumes das mulheres, condenando-as em massa: mais o ouro demora na fusão mais ele fica fino. Deve-se entender com isso que quanto mais elas são condenadas sem motivo, maior é o mérito da sua glória. (PIZAN, 2006, p. 131)

Esta espécie de exortação às mulheres e às injustiças vivenciadas por elas logo cede lugar a um esclarecimento importante sobre os atos daqueles que as atacam por as desconhecerem. Apesar de ter introduzido o tema da ignorância referindo-se ao caráter humano dos filósofos que recorrentemente atacaram as mulheres, a estratégia escolhida por Pizan é retomar o tema sem relacioná-lo aos autores previamente mencionados ou mencionar outros. Trata-se de atribuir responsabilidade aos que atacam as mulheres e, para tal, faz-se relevante ponderar que a ignorância não pode ser usada como um recurso para diminuir responsabilidades. As palavras da Dama Razão direcionadas à Cristina não deixam dúvidas quanto a isso:

enganas-te, bela filha, disse-me, pois a ignorância total não desculpa de nada. Se te matassem com boas intenções e por asneira, teria sido bem feito? Fazendo assim, eles usaram mal seus direitos. Pois, não seria justiça causar danos e prejuízos a uma parte sob pretexto de estar ajudando outra, como eles fizeram, condenando, contrariamente aos fatos, a conduta de todas as mulheres. (PIZAN, 2006, p. 132)

Descartada a ignorância como eventual justificativa para atacar as mulheres, a Razão menciona a generalização como estratégia de ataque recorrente. Tomar o todo pela parte é um equívoco tradicionalmente destacado nos tratados de lógica. Ainda assim, filósofos reconhecidos se valeram dele para generalizar os vícios cometidos por algumas.

Mas, posso te certificar de que não sou eu quem os leva a condenar todas as mulheres dessa maneira. Pois, como há muitas dignas, eles enganam-se redondamente, como também todos aqueles que fazem menção a eles. Agora, pode rejeitar essas pedras sujas e grosseiras desse canteiro de obras, pois não terá serventia na construção da tua bela Cidade. (PIZAN, 2006, p. 133)

A generalização, tal como abordada no texto, parece complementar a tese da ignorância apontada inicialmente. Sobretudo se associada à afirmação de que o caráter humano que compõe os homens os sujeitam ao erro. Sugere ao leitor que homens e mulheres são humanos e estão sujeitos a fa-

lhas. Parte deles não são virtuosos, mas isso não significa que se possa tomá-los todos pelos que não são amantes das virtudes.

Ignorância e generalização seriam as principais causas das críticas às mulheres e, definitivamente, dizem mais sobre a pouca virtude dos homens que as condenam do que sobre as mulheres atacadas. As demais causas, mais eventuais e nem por isso menos relevantes, são apontadas pela mesma Dama. De acordo com ela,

outros homens condenaram as mulheres por outras razões: uns por causa de seus próprios vícios, outros devido a enfermidade de seu próprio corpo, outros por pura inveja, outros ainda porque adoram maldizer. Outros, ainda, para mostrar que leram bastante, baseiam-se mais naquilo que encontraram nos livros e fazem apenas citar os autores, repetindo o que já se foi dito. (PIZAN, 2006, p. 133)

Ao prosseguir no sentido de aprofundar o tema a Razão destaca a generalização. De acordo com ela, “sem responsabilizar ou culpabilizar ninguém em particular, recomendam fugir do mal, seguir a virtude, e ficar no bom caminho” (PIZAN, 2006, p. 134). A partir de então, a estratégia argumentativa de Pizan parece seguir a direção contrária daquela utilizada para difamar as mulheres. Para tal, a Razão começa a identificar autores e obras, mobilizando exemplos capazes de comprovar os argumentos até então apresentados em defesa das mulheres. No primeiro deles não identifica diretamente o autor, mas aponta sua obra. Antes de mencioná-la, a Razão expõe as causas:

Aqueles que disseram injúrias às mulheres por inveja são homens indignos que, tendo conhecido e encontrado um grande número de mulheres mais inteligentes e de conduta mais nobre do que a deles, tornaram-se amargos e rancorosos. (PIZAN, 2006, p. 134)

Ao mencionar a inveja como possível causa dos ataques feitos às mulheres, Pizan parece reafirmar que mesmo homens cultos são passíveis de falhas e o fato de serem filósofos não necessariamente os faz superar suas características humanas, permanecendo sujeitos a cometer erros (tanto quanto as mulheres atacadas por eles). A estratégia da autora aqui é, através da Razão e tendo em vista alguns preceitos filosóficos, mencionar características reconhecidamente não racionais, ou seja, específicas do *páthos*, como explicação das causas de tais ataques. De um modo geral, autores clássicos

da antiguidade, como Platão e Aristóteles, dividiam a alma humana entre *páthos* e *lógos*, sendo a parte racional, *lógos*, especificamente humana e mais desenvolvida nos homens. Já o *páthos*, que também compunha a alma humana não lhe era exclusiva sendo preponderante nos animais. Responsável pelos desejos, impulsos e paixões, deveria, segundo os antigos, ser controlado pela razão (*lógos*). Uma alma pouco capaz de controlar seus desejos e impulsos seria escrava das paixões (*páthos*).

Não raro, ao longo da tradição filosófica, autores considerados clássicos se valeram de exemplos femininos para demonstrar ações investidas de *páthos*. Faz-se interessante notar, por exemplo, como Platão, no *Fédon*, apresenta Xantipa, mulher de Sócrates, se despedindo dele antes de executada a sentença de morte. Enquanto Platão fazia de Sócrates um defensor da *ataraxia*, que seria o controle racional das ações, evitando deixar-se levar pelas emoções, expressada em parte e com certa dificuldade por alguns de seus discípulos, Xantipa exemplifica a total inabilidade de controlar suas emoções, exaltando-se a ponto de Sócrates pedir que a retirassem do local. Essa imagem parece ter-se feito perene ao longo da história da filosofia, reforçada mesmo por filósofos que forjaram suas teses desconstruindo a filosofia socrática, a exemplo de Nietzsche. Talvez por isso Pizan a tenha retomado ironicamente logo no início de sua apresentação, quando a Dama Razão reprimia a personagem Cristina (que se punha em desespero) e a questionava sobre seu bom senso, como visto.

Voltando ao texto de Pizan e aos autores que lhe antecederam, a Razão identifica uma obra que evidenciaria a aversão que alguns filósofos teriam em relação às mulheres. Para fazê-lo, mais uma vez a autora recorre à inveja, elemento claramente passional, como motor da escrita de filósofos que atacaram as mulheres apelando à generalização de suas características supostamente femininas. Ao suscitar um elemento passional normalmente atribuído às mulheres e relacionado à suposta dificuldade feminina em usar a razão para conter seus impulsos, a autora exemplifica o que havia afirmado sobre o caráter humano estar sujeito a falhas. Expõe que filósofos também podem ser movidos pelo *páthos*, a exemplo do autor suscitado a seguir.

Eis porquê sua inveja os leva a difamar todas as mulheres, esperando sufocar e reduzir de tal maneira seu renome e valor, a exemplo de não sei que infeliz que, em um tratado pomposamente intitulado *Da Filosofia*, esforça-se para demonstrar que é inconveniente aos homens terem consideração por uma mulher, qualquer que seja ela. Ele afirma que aqueles que mostram alguma estima pelas mulheres pervertem o próprio nome de seu livro (...). (PIZAN, 2006, p. 134-135)

Ao expor o texto que parte do pressuposto de que as mulheres são um inconveniente aos homens, Cristina parte à indicação nominal de alguns dos autores que haviam se ocupado de desenvolver, reforçar e propagar essa afirmação tomada por eles como fundamento. A estratégia da autora parece ser oferecer exemplos que pudessem reforçar seu pressuposto da imperfeição humana. Homens e mulheres estão sujeitos a falhas e nem os homens mais admiráveis da história conseguiram ser infalíveis, principalmente no que diz respeito a usar o *lógos* para controlar o *páthos*.

Cristina questiona a Razão especificamente sobre Ovídio e pergunta sobre as causas de, em seus poemas, falar tão mal das mulheres. Razão explica que “Ovídio demonstrava bastante sutileza na arte da poesia e tinha a mente consideravelmente viva e engenhosa para realizar seus poemas. Perdeu-se, todavia, nas vaidades corpóreas e nos prazeres da carne” (PIZAN, 2006, p. 136). A estratégia da autora não é somente identificar o autor, mas expor seus vícios. Na sequência afirma que “quando se deu conta que não poderia mais levar aquela vida a qual tinha tido tanto prazer, começou a caluniar as mulheres com seus hábeis raciocínios, na intenção de torná-las desprezíveis para os outros” (PIZAN, 2006, p. 136). As causas expostas pela Razão ilustram a mudança de estratégia da autora que, a partir de então, identifica as obras ou diretamente os autores que pelos seus próprios vícios atacaram voluntariamente a reputação das mulheres. Ela parece, assim, consolidar seu leque de exemplos daqueles que, sem notar seus próprios vícios e sem conseguir controlar suas paixões, se puseram a atacar as mulheres de maneira equivocada.

De forma mais específica, Pizan faz referência a Cecco d’Ascoli que, segundo a Razão, abominava as mulheres e pagou pelos seus crimes na fogueira. Cristina menciona ainda um “livrinho em latim” intitulado *Do Se-*

greto das Mulheres que, segundo ela, ataca as mulheres pelos defeitos que teriam em suas funções corporais⁸. Sobre ele Razão responde à Cristina:

Tu podes conhecer por ti mesma, dispensando qualquer outra prova. Aliás, esse livro nos revela ser da mais alta fantasia; um verdadeiro amontoado de mentiras, e para quem o leu, está explícito que não há nada de verdade neste tratado. E apesar de dizerem que é de Aristóteles, não dá para acreditar que um filósofo tão importante tenha se permitido dizer tamanha asneira. Mas como as mulheres podem *saber por experiência* que algumas coisas neste livro não fazem parte da realidade e que são puras tolices, elas podem deduzir que os outros pontos expostos são da mesma forma mentiras patentes. (PIZAN, 2006, p. 137)

A essa altura do texto, a Razão parece se dirigir à Cristina de maneira franca, sem minimizar suas considerações sobre os referidos autores. Ao fazê-lo menciona o que considera ser “saber por experiência”. Parece que, para Pizan, a autoridade e a abstração não seriam suficientes para se chegar ao conhecimento. Seria necessário recorrer à experiência, ao que se observa, construindo o saber também a partir disso. Vale lembrar que ela problematiza e questiona as afirmações dos filósofos a partir da observação da realidade, de certo modo uma experimentação. Ela parece antecipar a necessidade do que mais tarde será chamado método experimental da ciência e da natureza. Assim, parece ser possível afirmar que seu texto antecipa alguns vestígios iniciais do que será reconhecido mais tarde como revolução científica do Renascimento, sobretudo a partir de Galileu.

Na referida passagem ela questiona a autoria do texto, provavelmente atribuída a Aristóteles⁹ de forma indevida para apropriar-se de sua autoridade. A seguir menciona o esforço, explicitado na introdução do livro sobre o qual conversavam, para que “as mulheres não tomassem conhecimento desse livro e para que elas ignorassem seu conteúdo” (PIZAN, 2006, p. 137), pois tal leitura certamente provocaria questionamentos ao conteúdo do

⁸ Atacar as funções corporais das mulheres parece ser, especialmente àquele tempo, um ataque ao que se compreendia como fundamento da existência feminina. De acordo com Le Goff, no período em que o referido texto foi escrito, “a mulher não é definida por distinções profissionais, mas pelo seu corpo, pelo seu sexo, pelas suas relações com determinados grupos. A mulher define-se como «esposa, viúva ou virgem». Foi a vítima das coações que o parentesco e a família foram impondo à afirmação das mulheres como indivíduos dotados de uma personalidade jurídica, moral e econômica” (1989, p.22).

⁹ Schmidt descreve o ambiente intelectual misógino em que Pizan se insere. Ao fazê-lo, inclui algumas considerações importantes sobre a forma como Pizan se refere a Aristóteles, de acordo com Schmidt, poderia indicar as limitações do acesso à educação da autora, ilustrando suas lacunas (2018, 21-28).

texto. Conclui afirmando que “foi por essa estratégia que o autor acreditava poder abusar e enganar os homens que o leriam” (PIZAN, 2006, p. 138). Esse último argumento é interessante porque mostra o esforço da autora em evidenciar as armadilhas que fizeram perdurar as falácias utilizadas para maldizer as mulheres, que incluem o engano e a autoridade, estratégias para reforçar pré-julgamentos e fazê-los pouco questionáveis entre os homens.

Ainda sobre tal livro e tendo em vista perpassar outros enunciados falaciosos contra as mulheres, Cristina questiona a Razão sobre os aspectos religiosos da criação, destacando a criação das mulheres. Em suas palavras:

“Dama, lembro-me que, entre outras coisas, depois de ter insistido durante bastante tempo que era por debilidade e fraqueza que o corpo que se forma no ventre da mãe torna-se o de uma mulher, o autor diz que mesmo Natureza tem vergonha de ter feito uma obra tão imperfeita quanto esse corpo”. (PIZAN, 2006, p. 138)

A Razão prossegue seguindo a mesma linha argumentativa.

“Ah! Veja que loucura, doce amiga: é a cegueira insana que o levou a dizer tais coisas! Como a Natureza, que é Dama de companhia de Deus, teria então mais poder do que seu mestre, se é dele que vem sua autoridade? Deus todo-poderoso, na essência de seu pensamento divino, tinha desde sempre a ideia do homem e da mulher. (PIZAN, 2006, p. 138)

Razão inicia seu argumento estabelecendo uma relação importante entre Deus e a Natureza, notadamente de gênero. O caráter metafórico dessa relação tende a destacar a coerência desse relacionamento. Isso se torna mais claro quando a Razão menciona Adão e o fato da criação de Eva a partir de sua costela. Valendo-se dos preceitos bíblicos conforme estabelecidos a Dama Razão põe-se a questionar:

Será que o Criador Soberano teria vergonha de criar e formar o corpo feminino e Natureza se envergonharia disso? Eis o cúmulo da tolice dizer isso. E além do que, de que maneira ela foi formada? Não sei se percebes; ela foi formada à imagem de Deus. Oh! Como é possível haver bocas para maldizer uma prova tão nobre? (PIZAN, 2006, p. 138)

Razão prossegue tendendo a completar seu argumento de modo a tornar tal falácia mais grave e ofensiva a partir da demonstração de que configuraria uma blasfêmia. De acordo com ela,

há loucos que acreditam que quando eles escutam dizer que Deus fez o homem a sua imagem, que se trata do corpo físico. Isto está errado, pois Deus ainda não havia tomado forma humana. Trata-se, ao contrário, da alma, a qual é consciência sensata e durará eternamente à imagem de Deus. E, esta alma, Deus a criou tão boa, tão nobre, idêntica no corpo da mulher como no corpo do homem. (PIZAN, 2006, p. 138)

Nessa passagem Pizan contesta ainda a suposta imagem de Deus, a partir da qual teria criado o corpo de Adão. Ao fazê-lo desloca o tema para a relevância da alma e, nesse sentido, a Razão expõe a Cristina a ideia da igualdade entre homens e mulheres em relação à alma. É interessante notar que a formulação da passagem bíblica que pressupõe circunstâncias diferentes para Adão e Eva parece ser interpretada a partir de uma distinção corpórea. A criação do corpo da mulher a partir do corpo de um homem aparentemente não distinguiria suas almas, criadas igualmente e de forma idêntica por Deus.

Cristina, ao ouvi-la, parece se dar por satisfeita em relação a tal assunto e parte em direção a um dos autores mais lidos em seu tempo. Retoma Cícero, o grande autor do *Tratado dos Deveres*, uma das principais fontes dos humanistas que insurgiam nesse momento, sobretudo em Florença, e parecem ter despertado também o interesse de Pizan. A menção a Cícero retoma a linha argumentativa inicial, devolvendo à Razão a tarefa de evidenciar as falácias pronunciadas pelos grandes filósofos contra as mulheres.

Dama, de acordo com o que me dizeis, a mulher é uma criação muito nobre. No entanto, Cícero disse que o homem não deve nunca servir a uma mulher, pois seria se rebaixar, pôr-se a serviço de alguém menos nobre que si. (PIZAN, 2006, p. 139)

Antes que Cristina se pusesse a acrescentar mais elementos contra as mulheres presentes nos argumentos desenvolvidos por Cícero, a Razão responde:

O maior é aquele ou aquela que tem mais méritos. A excelência ou a inferioridade das pessoas não reside no sexo dos seus corpos, mas na perfeição de seus costumes e virtudes. E bem-aventurado aquele que serve à Virgem, ela que está acima de todos os anjos. (PIZAN, 2006, p. 139)

Apesar de perceber a consistência do argumento, Cristina não se vê totalmente satisfeita e se põe a lembrar algumas passagens presentes nos

textos do autor. Menciona um dos personagens mais recorrentes, o sábio Catão. De acordo com ela, “disse ainda, um dos Catão, aquele que foi um grande orador, que se o mundo fosse sem mulheres, poderíamos conversar com os deuses” (PIZAN, 2006, p. 139). Cristina parece insistir no argumento de que as mulheres são um inconveniente aos homens, já apresentado por ela a partir do livro *Da Filosofia*, como visto há pouco. Aqui, no entanto, ela parece desdobrar esse argumento inicial a ser enfrentado evidenciando um empecilho específico. Nota-se que não se trata de um detalhe, mas de empecilho tão grande a ponto de privar os homens de uma suposta aproximação com os deuses. Se a premissa fosse verdadeira, de quantas conversas elevadas teriam sido privados os filósofos? Quantas coisas deixaram de aprender a partir desse contato com o divino? Essas parecem ser as questões subjacentes ao exposto por Cristina. A Razão, sabendo dos danos causados por tais suposições e seus efeitos nefastos sobre as mulheres, responde:

Ora, podes ver a insanidade daquele que é tido como sábio, pois foi por intermédio da mulher que o homem pôde reinar junto a Deus. E, se alguém me disser que ele foi banido por uma mulher, por causa da Dama Eva, responderei que, graças a Maria, ele ganhou grau muito mais alto do que aquele que havia perdido por causa de Eva. (PIZAN, 2006, p. 139)

A Dama parece apresentar o mesmo argumento suscitado antes, na ocasião em que Cristina expressava uma questão semelhante, desenvolvendo-o de modo a exemplificar o que fora exposto. A partir de então essa forma de explanar e responder a partir de exemplos vai se tornando dominante nos argumentos da Razão. Não nos caberia repeti-los¹⁰ aqui, mas ape-

¹⁰ Pizan dedica boa parte da *Cidade das Damas* aos exemplos das mulheres que se destacaram por suas ações virtuosas ao longo da história, perpassando desde as que se destacaram pela intelectualidade, diplomacia, religiosidade até as que ganharam notoriedade pela força. A título de ilustração podemos mencionar Tomires, rainha das Amazonas, pois “graças à sua sabedoria, prudência e força conseguiu vencer e aprisionar Ciro, o forte rei persa, que havia feito maravilha e conquistado a grande Babilônia e mesmo uma grande parte do mundo” (2006, p. 157); a Rainha Artemisa que “não se espantou com a ideia de reinar, pois ela tinha uma grande força de vontade, sábios costumes e prudência para governar” (2006, p. 169-168); Comificia, que teria sido elogiada por Boccaccio, pois “não apenas dominava com perfeição a arte dos versos, mas parecia que ela havia sido alimentada do leite da doutrina filosófica” (2006, p. 177); Ceres que, de acordo com a autora, “inventou a ciência e as técnicas da agricultura e os utensílios relacionados a ela” (2006, p. 188). Comificia e Ceres integram uma lista de mulheres suscitadas por Pizan para “ilustrar a tese de que a inteligência das mulheres é semelhante à dos homens” (2006, p.177), mas há outras que se destacaram pela coragem, caridade, amor aos maridos, aconselhamentos aos filhos. Menciona desde nomes pouco conhecidos a ilustres (como Minerva, Penélope, Medéia, Lucrecia, as Sabinas e muitas Rainhas e Princesas, desde as Antigas (como Dido, rainha de Cartago) às de

nas pontuar que, mais adiante no texto, Razão, Retidão e Justiça, fazem uma espécie de inventário das mulheres que se destacaram ao longo da história pelos seus grandes feitos, demonstrando imensa virtude. Tais exemplos exercem uma função importante no texto pois é a partir deles que Pizan estrutura seus fundamentos teóricos em defesa das mulheres. Demonstra, por meio dos exemplos, o erro de se tomar o todo pela parte e desconstrói as generalizações apresentadas, por vezes por grandes filósofos, evidenciando seus equívocos e destacando suas falácias. Muito engenhosamente Pizan o faz pela Dama Razão que, de acordo com ela, tem por função corrigir e essa correção é que prepara o terreno e forja os pilares para a edificação da Cidade das Damas.

Na sequência do texto, tendo em vista dar continuidade aos seus questionamentos, Cristina menciona as afirmações de autores que dizem respeito à natureza das mulheres. Ela cita aqueles que consideram que as mulheres seriam, “por natureza, gulosas” (PIZAN, 2006, p. 140), de “caráter fraco, assemelhando-se às crianças” (PIZAN, 2006, p. 142) e, também, que “só choram por fraqueza e tolice” (PIZAN, 2006, p. 143). Antes de se dirigir aos exemplos das mulheres que fizeram o contrário e que, portanto, contradizem tais afirmações e demonstram-nas falaciosas, Pizan retoma o tema da educação das mulheres, expondo, através da Dama Razão, que sempre houve mulheres capazes e que tiveram conhecimento suficiente para realizar grandes feitos. Em suas palavras,

Se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado. E afim que possas conhecer melhor a verdade, lembrar-te-ei algumas de tuas contemporâneas que, depois de viúvas, conseguiram dirigir tão bem seus negócios, depois da morte de seus maridos, dando prova inegável de que qualquer atividade é conveniente para uma mulher inteligente. (PIZAN, 2006, p. 147).

seu tempo. Suscita também mulheres humildes trazendo em seu texto um grande volume de exemplos dos mais variados.



A passagem menciona as mulheres que tiveram oportunidade de aprender assuntos complexos e conseguiram se destacar neles¹¹. Isso demonstraria que as mulheres são capazes de aprender e, se expostas aos mesmos conhecimentos que os homens, podem desempenhar tarefas relacionadas às leis, à política, à ciência, aos negócios, tão bem quanto eles, podendo se destacar tanto quanto os homens.

Não se pode deixar de notar que, partindo-se do argumento de Pizan, pode-se pensar que o peso desses ataques às mulheres, repetidos, reforçados e disseminados desde os antigos, produz uma espécie de círculo vicioso uma vez que tende a dificultar o acesso das mulheres ao conhecimento. Se se entende pela falta de capacidade delas, por que custeá-las? Ou, pior, se elas se inebriam pela reverberação de tais falácias e, partindo desse imaginário perverso, desacreditam em sua capacidade, como haveriam de procurar aprender aquilo que pensam não ser capazes? E, quanto menos se movem no sentido de se tornarem capazes de compreender e executar funções e tarefas complexas e socialmente previstas para homens, mais se sujeitam à ignorância pueril que se ajusta prontamente a muitos dos lugares-comuns criticados pelos homens. Desse modo, o texto de Pizan parece suscitar uma consequência importante sobre a educação das mulheres. Se, tal como visto, em um primeiro momento a autora se empenha em apresentar as mulheres que desmentem as afirmações daqueles que insistiam no estereótipo de inferioridade das mulheres, evidenciando a capacidade, virtude e habilidade das mulheres, em um segundo momento, essa primeira conclusão passa a ser uma premissa para se pensar as diferenças existentes entre a educação dos homens e a educação das mulheres. Dizendo de outro modo, se as mulheres tinham capacidade de aprender e de agir, conforme os muitos exemplos resgatados por Pizan ao longo do texto, as diferenças vislumbradas sobretudo pela proporção entre homens e mulheres que se dedicavam às áreas mencionadas nessa última passagem não diziam respeito à falta de capacidade de aprender ou agir, mas podiam ser consequência da educação radicalmente distinta destinada às mulheres que, sobremaneira, suprimia delas as ferramentas e conhecimentos básicos para desempenhar tais atividades.

¹¹ Faz-se interessante notar que uma pesquisa recente afirma que, ainda hoje, tende-se a perceber distintamente a adesão de homens e mulheres à ciência (ver RAYMOND, 2013, p. 33-34).

Considerações Finais

O texto de Christine de Pizan surpreende pela clareza com que a autora apresenta o ambiente cultural em que vivia e destaca seu caráter inóspito às mulheres. Cumprindo um papel pouco comum em seu tempo pôde questionar o lugar das mulheres, dedicando-se a defendê-las das críticas falaciosas impostas pelos escritores e proferidas até mesmo pelos reconhecidos como sábios. Demonstrar tal equívoco prescindia de enfrentar os escritos mais elevados dos autores mais inspiradores de seu tempo. Mais que isso, demandava apontar os problemas relacionados à educação das mulheres. Para Anna Beatriz Esser dos Santos,

quando Christine de Pizan produziu suas obras, no século XV, a construção imagética sobre a mulher vinha sendo desenvolvida ao longo dos séculos anteriores e foi definida pelo olhar masculino, que a colocava como uma figura frágil, inconstante e sedutora, que precisava ser sempre guiada por um homem, que deveria ser sua “cabeça”. (2018, p. 10)

Essa imagem das mulheres construída a partir do olhar masculino e consolidada não apenas em termos sociais, mas cristalizada nos escritos das principais autoridades intelectuais, morais, literárias e filosóficas, parece ter moldado os preceitos da educação das mulheres. Paciência, virtude em suportar o sofrimento, boas maneiras mesmo sob ataques e toda sorte de injustiças e humilhações. Resignar-se à acusação de inferioridade, aceitação da condição de fragilidade, de insuficiência, de fraqueza moral, de incapacidade de ação. E, sobretudo, uma educação para a conformidade com a condição de subserviência feminina¹². Como esse tipo de instrução poderia elevá-las a conquistar as mesmas habilidades de homens que eram instruídos de forma tão distinta? Ainda assim, Pizan parece encontrar meios para evidenciar a capacidade de entendimento das mulheres. Ela se valeu de exemplos de mulheres que, como ela, romperam os limites dos lugares comumente impostos às mulheres. Além disso, procurou apontar as falácias intrínsecas às premissas comumente utilizadas para atacá-las, dispondo-se a enfrentar os textos de grandes autoridades intelectuais. Pode-se afirmar, nesse sentido, que a contribuição da autora não se restringe a aumentar o número de filóso-

¹² Sobre as desvantagens e inconvenientes da educação das mulheres em diferentes momentos históricos, ver LEANNER, 1993, p. 21-45.

fas a serem estudadas na história da filosofia ou a poder influenciar outras filósofas, mas contribui também no sentido de indicar a falsidade dos argumentos usados para fundamentar as discussões sobre o lugar das mulheres em seu tempo. A importância dos temas abordados por Pizan é significativa, principalmente porque parte deles não foi superada e, uma vez que a autora se pôs a investigar as causas e desfazer as falácias produzidas e perpetuadas ao longo da história, seus escritos podem contribuir, ainda hoje, para a compreensão da origem das desigualdades de gênero, assim como dos possíveis instrumentos para enfrentá-la e os meios para inibir sua propagação.

As circunstâncias que marcaram a vida da autora, que desfrutava de um ambiente de certa liberdade cultural na corte francesa, lhe possibilitaram a escrita quando ela se viu sozinha a ter que sustentar seus filhos. As escolhas que ela fez a partir das oportunidades que teve e das dificuldades que lhe foram impostas fizeram de Christine de Pizan uma exceção entre as mulheres de seu tempo e trouxeram à tona um tema que somente muito posteriormente se tornaria recorrente. Isso fez com que alguns autores vislumbrem Pizan como uma feminista antes do feminismo (ver KARAWEJCZYK, 2017). Não há como negá-lo. No entanto, é raro ver referências ao caráter filosófico da obra de Pizan¹³. Concordamos com Ana Rieger Schmidt quando ela afirma que “sua escrita se apresenta primeiramente nas formas de narrativa e de poema. Entretanto, a apreciação do seu alcance filosófico se dá no encontro entre prosa e razão” (2018, p.34). Ao longo da história os filósofos recorreram a diferentes estruturas textuais: diálogos, ensaios, aforismas, de modo que não parece ser a estrutura textual utilizada pela autora um empecilho para o reconhecimento dos aspectos conceituais marcadamente filosóficos desenvolvidos por ela. De fato, o trabalho de Pizan na *Cidade das Damas* foi o mesmo de um filósofo clássico: encontrar um problema relevante, desvendá-lo, descobrir o erro que causava o problema, apontá-lo, indicar as falácias que o sustentavam e desmistificá-las. Identificar as causas e dirigir-se aos conceitos. Apesar de tê-lo feito à exaustão, Pizan parece, ainda hoje, integrar a categoria de escritora medieval, sem o devido reconheci-

¹³ Há exceções, Vickie Mann (2017), por exemplo, se dedicou a investigar especificamente a filosofia de Christine de Pizan.

mento do mérito filosófico de sua obra. Isso nos impele a questionar: seria a filosofia, ainda hoje, incapaz de reconhecer Pizan como filósofa?

Se a tese e/ou os argumentos desenvolvidos na *Cidade das Damas* de Christine de Pizan nos parecem atuais, isso diz mais sobre nosso atraso estrutural relacionado ao reconhecimento de um lugar adequado às mulheres na comunidade e nos núcleos familiares. Se reconhecer esse atraso nos aparece como uma questão atual, sobretudo no que diz respeito aos aspectos sociais do tema, seria necessário indagar como a filosofia lida com essas questões. Ainda hoje é raro estudar uma filósofa ao longo de um curso de filosofia, mormente uma medieval ou pré-renascentista como Pizan. Aparentemente, não porque não havia mulheres ao longo da história, já que há filósofas desde os Antigos até os dias de hoje (ver WATTS, 2017), mas porque os filósofos se negaram a reconhecê-las enquanto tal. Apesar de estudos recentes se debruçarem sobre as filósofas que deixaram de serem lidas por não serem homens ou sobre as críticas recorrentemente dirigidas às mulheres pelos filósofos da antiguidade aos dias de hoje, algumas investigações (ver, por exemplo, GARRY, Ann; PEARSALL, 1996) indicam que estamos longe de corrigir alguns dos problemas enunciados por Pizan no início do século XV.

Recebido em 05/01/2021 e aprovado em 15/01/2021

Referências

DOS SANTOS, Anna Beatriz Esser. *A construção das ideias de moral e normativa feminina em Christine de Pizan e sua leitura na dinastia de Avis: uma análise em perspectiva comparada*. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

DUBY, Georges. *As Damas do Século XII*. Tradução: Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

GARRY, Ann; PEARSALL, Marilyn (edited by). *Women, Knowledge and reality: explorations in feminist philosophy*. New York-London: Routledge, 1996.

KARAWEJCZYK, Mônica. “Christine De Pisan, uma Feminista no Medieval?!” *Historiae*, v. 8, 2017, p. 189-203.



LE GOFF, Jacques (org). *O Homem Medieval*. Lisboa: Editora Presença, 1989.

LERNER, Gerda. *The Criation of Feminist Consciousness: from the middle ages to the eigteen-seventy*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1993.

MANN, Vickie. *Christine de Pizan: Medieval Philosopher*. (Master in Liberal Studies) Published by ProQuest. Indiana University, 2017.

MANN, Vickie. *Christine de Pizan: Medieval Philosopher*. Thesis (Master in Liberal Studies). Indiana University, New Albany, 2017.

PIZAN, Christine. *A Cidade das Damas*. In: CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. *A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

RAYMOND, Jennifer. “Most of us are biased”. *Nature*, v.495, 2013, p.33–34. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/495033a>

SCHMIDT, Ana Rieger. “Christine de Pizan contra os Filósofos”. In: Schmidt, Ana R.; Zanuzzi, Inara; Secco, Gisele (Orgs). *Vozes Femininas na Filosofia*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2018, v. 1, p. 15-38.

_____. “Christine de Pizan”. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v.6, n.3, 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>. Acesso em 15 dez.2020

TRUDEL, Lise. *Les Idees Feministes de Chistine de Pizan*. Thesis (Master of Arts. Department of French Language and Literature). Faculty of Graduate Studies and Reserch McGill University, Montreal, 1973.

WATTS, Edward Jay. *Hypatia: the life and legendo f na Ancient Philosopher*. (Women in Antiquity). Oxford: Oxford University Press, 2017.

